

RESOLUÇÃO

Exame de acesso específico

LÍNGUA PORTUGUESA

PARTE I

Apresenta-se de seguida um primeiro poema de *Mensagem*, a partir do qual deverá responder às questões 1 a 3, fundamentando as suas respostas em citações do texto.

Poema 1

D. Sebastião

Sperai! Caí no areal e na hora adversa
Que Deus concede aos seus
Para o intervalo em que esteja a alma imersa
Em sonhos que são Deus.

- 5 Que importa o areal e a morte e a desventura
 Se com Deus me guardei?
 E O que eu me sonhei que eterno dura,
 É Esse que regressarei.

Fernando Pessoa, *Mensagem*, ed. Fernando Cabral Martins,
Lisboa, Assírio & Alvim, 1997, p. 71.

1. Identifique os dois sujeitos presentes no poema 1 e caracterize os sentimentos que lhes podem ser atribuídos, situando-os no contexto mais amplo da obra *Mensagem* (**resposta até 12 linhas, 3 valores**).

Resposta possível, admitindo-se outras leituras desde que fundamentadas no texto:

Uma notável obra épica publicada no século XX, *Mensagem* reúne uma série de poemas dedicados a figuras históricas e míticas de Portugal, articulando a evocação do passado com a esperança num futuro de renovação.

Uma das figuras centrais de *Mensagem* é precisamente «D. Sebastião», o principal sujeito presente no poema apresentado. Ele surge aqui como um «eu» («Caí») que se dirige a um sujeito coletivo «vós» («Sperai»), identificado com os portugueses.

Nesta passagem, D. Sebastião incita os portugueses à esperança, reagindo ao desânimo coletivo diante da «morte» e da «desventura». Em oposição a isso, mostra-se confiante na concretização dos seus sonhos, do seu regresso sob a forma sonhada e eterna («É O que eu me sonhei que eterno dura, / É Esse que regressarei.»).

2. Explique de que modo se articulam, no poema 1, as figuras do herói histórico e do herói mítico (**resposta até 12 linhas, 2 valores**).

Resposta possível, admitindo-se outras leituras desde que fundamentadas no texto:

O poema «D. Sebastião» recupera, por um lado, o herói histórico, isto é, o rei que lutou na batalha de Alcácer-Quibir, no Norte da África, e que morreu nesse «areal», num momento de infelicidade e desgraça para ele e para o país («Caí no areal e na hora adversa», «morte», «desventura»; versos 1 a 5).

Por outro lado, o poema convoca a dimensão do herói mítico, uma vez que D. Sebastião é transformado num símbolo que transcende a figura histórica, sendo associado a um sonho que poderá dar origem a uma nova realidade. Assim, D. Sebastião surge como uma figura eterna, destinada a regressar simbolicamente («com Deus me guardei»; «É O que eu me sonhei que eterno dura, / É Esse que regressarei»; versos 6 a 8).

3. Apresente, no mínimo, dois aspetos formais e dois recursos estilísticos relevantes do poema 1 (**resposta até 12 linhas, 3 valores**).

Alguns exemplos:

Aspetos formais:

- Duas quadras;
- Versos mais longos (de dez ou onze sílabas) alternando com versos mais curtos (de seis ou oito sílabas);
- Esquema rimático abab / cdcd (rima cruzada).

Recursos estilísticos:

- *Sinédoque*: v. 1, «areal», referindo uma parte («areal») pelo todo (campo de batalha de Alcácer-Quibir);

- *Enumeração com polissíndeto e pergunta retórica*: v. 5, para mostrar como todas as realidades históricas têm pouca importância em comparação com a figura mítica;
- *Hipérbato*: v. 6, «Se com Deus me guardei?», ajudando a sublinhar o contraste entre «desventura» e «guardei», no final dos versos 5 e 6;
- *Anáfora*: vv. 7-8, «É O... / É Esse...», para enfatizar a resposta à pergunta retórica;
- *Antítese*: v. 7, para mostrar o aparente contraste entre «sonho» e «duração»;
- *Contraste* entre o passado («caí», «sonhei») e o futuro («regressarei»).

Tendo em consideração um segundo poema de *Mensagem* que a seguir se transcreve, responda às questões de escolha múltipla 4 e 5, indicando, em cada caso, apenas uma alternativa. Transcreva na folha de respostas apenas o número da questão, a letra correspondente à alternativa selecionada e, quando solicitado, a justificação da sua resposta.

Poema 2

- Screvo meu livro à beira-mágoa.
 Meu coração não tem que ter.
 Tenho meus olhos quentes de água.
 Só tu, Senhor, me dás viver.
- 5 Só te sentir e te pensar
 Meus dias vácuos enche e doura.
 Mas quando quiserás voltar?
 Quando é o Rei? Quando é a Hora?
- Quando virás a ser o Cristo
- 10 De a quem morreu o falso Deus,
 E a despertar do mal que existo
 A Nova Terra e os Novos Céus?
- Quando virás, ó Encoberto,
 Sonho das eras português,
- 15 Tornar-me mais que o sopro incerto
 De um grande anseio que Deus fez?
- Ah, quando quiserás, voltando,
 Fazer minha esperança amor?
 Da névoa e da saudade quando?
- 20 Quando, meu Sonho e meu Senhor?

Fernando Pessoa, *Mensagem*, ed. Fernando Cabral Martins,
 Lisboa, Assírio & Alvim, 1997, p. 81-82

4. A propósito do sujeito poético do poema 2, expresso na primeira pessoa, assinale a única alternativa incorreta. Justifique a sua resposta com versos do poema (**resposta de justificação até 8 linhas, 2 valores**).

- A) O sujeito poético revela um estado de profunda indiferença e apatia em relação ao mundo.
- B) O sujeito poético exprime desilusão relativamente ao presente.
- C) O sujeito poético associa a esperança numa renovação futura à vinda de um «Senhor».
- D) O sujeito poético dirige-se diretamente a uma entidade superior, designada como «Senhor» ou «Encoberto».
- E) O sujeito poético pergunta-se sobre o momento da volta do «Encoberto».

Justificação possível, admitindo-se outras leituras desde que fundamentadas no texto:

A alternativa incorreta é a A, porque o sujeito poético não revela indiferença nem apatia. Pelo contrário, exprime:

- Mágoa e sofrimento: «Screvo meu livro à beira-mágoa»; «Tenho meus olhos quentes de água»;
- Ansiedade e expetativa expressas pelas sucessivas interrogações: «Quando quiserás voltar?», «Quando é o Rei? Quando é a Hora?»;
- Esperança numa redenção futura associada ao «Senhor» ou ao «Encoberto»: «Só tu, Senhor, me dás viver»; «Fazer minha esperança amor».

5. A propósito da pontuação do poema 2, assinale a única alternativa correta: (1 valor)
- A) O uso de vírgulas em «Só tu, Senhor, me dás viver» serve para separar dois sujeitos coordenados.
- B) Os sucessivos pontos de interrogação do poema 2 contribuem para expressar dúvida na possibilidade de qualquer forma de redenção.
- C) Em «Ah, quando quiserás, voltando, / Fazer minha esperança amor?», as vírgulas que isolam «voltando» assinalam um modificador do nome apositivo.
- D) A vírgula em «Quando virás, ó Encoberto» assinala a presença de um vocativo.
- E) O verso «Sonho das eras português» corresponde a um modificador do nome apositivo que não poderia ser eliminado da oração.

PARTE II

Com base no texto de Ricardo Almeida que a seguir se transcreve, apresente (na folha de respostas) uma reflexão, desenvolvendo as seguintes ideias:

- Explicação do motivo pelo qual se associa «livro» a «ato revolucionário», incluindo, pelo menos, uma citação justificativa;

O livro permite abrir horizontes, apreciar a diversidade, desenvolver a tolerância..., pelo que pode revolucionar, mudar completamente, os nossos modos de ver o mundo e, consequentemente, diminuir as situações de intolerância, guerra e sofrimento.

Citações possíveis – qualquer parte desta passagem: “uma força capaz de eliminar a intolerância que assola o nosso mundo e que provoca tanta guerra e sofrimento. / É a ler, afinal, que nos tornamos mais íntimos do próprio conceito de diversidade, que mais nos habituamos a entender que o mundo é absolutamente heterogêneo e composto por visões que podem diferir das nossas. É a ler que abrimos as nossas mentes. É a ler que enterramos os velhos dogmas e preconceitos que todos carregamos, mas que não cabem numa sociedade plural e integrada. É a ler que podemos mudar algo em nós próprios e, de maneira coletiva, o nosso mundo”.

- Apresentação de duas razões mencionadas pelo autor para dar livros às crianças.

Sendo a leitura um ato revolucionário, é importante dar livros às crianças para que elas tenham horizontes mais abertos à pluralidade e à tolerância e assim se dê uma revolução no nosso mundo, cheio de guerra e sofrimento.

As crianças são curiosas, gostando de aprender sobre o nosso mundo, e ainda não têm certezas demasiado inflexíveis, estando mais abertas a perspetivas diferentes.

(Resposta até 40 linhas; 9 valores: 6 para o conteúdo e 3 para a expressão escrita)

Presentear crianças com livros é um ato revolucionário

O poder da leitura tem revolucionado o mundo e continua, ainda hoje, a ser uma poderosa ferramenta de transmissão de conhecimento e de inspiração. E tudo pode começar logo quando se aprende a ler.

5 Presentear crianças com livros é um ato revolucionário. [...] O crescimento do hábito de leitura, aliás, é justamente isso que faz dele um ato revolucionário em si, uma força capaz de eliminar a intolerância que assola o nosso mundo e que provoca tanta guerra e sofrimento.

É a ler, afinal, que nos tornamos mais íntimos do próprio conceito de diversidade, que mais nos habituamos a entender que o mundo é absolutamente heterogêneo e composto por visões que podem diferir das nossas. É a ler que abrimos as nossas mentes. É a ler que 10 enterramos os velhos dogmas e preconceitos que todos carregamos, mas que não cabem numa sociedade plural e integrada. É a ler que podemos mudar algo em nós próprios e, de maneira coletiva, o nosso mundo.

E, se tudo isso já é verdade para nós, adultos responsáveis pelo mundo de hoje, é ainda mais importante para as nossas crianças, que, inevitavelmente, construirão o amanhã. As 15 crianças são curiosas e têm poucas “certezas”, o que facilita a absorção de conhecimento. E, mais importante do que qualquer argumento, as crianças gostam de histórias.

De acordo com um estudo de 2021, da National Literacy Trust (Reino Unido), 62,7% das crianças com idade entre 8 e 11 anos têm prazer na leitura. Outro estudo, desta vez da renomada revista *Frontiers of Psychology*, indica que entender como é e como funciona o nosso 20 mundo e a nossa sociedade é o que mais atrai as crianças – principalmente as mais novas – para as letras. Basta que aproveitemos esse contexto tão perfeito. Mas como? [...]

Pois bem, é hora de começar a aproveitar momentos [...] para dar um presente duplo às nossas crianças: um livro – que, inevitavelmente, carregará nas suas páginas as sementes para um futuro muito melhor do que o que nós [...] fomos capazes de conceber [...].

25 Se queremos um amanhã com menos violência e guerras, com menos intolerância e com mais oportunidades de felicidade para os nossos próprios filhos, então o nosso papel – aliás, a nossa obrigação – deve passar por dar a ferramenta mais poderosa para revolucionar a nossa sociedade: um livro.

Ricardo Almeida, in Visão, 28.11.2023

FIM